



Corpos-(res)-sentidos

Corpos-sentidos, de Helena Arruda

Luiz Renato de Souza Pinto*

O trabalho de escavação não terminou e a quantidade de livros publicados, sobretudo desde 2010, comprova que o trabalho de elaboração do trauma da ditadura continua.

Eurídice Figueiredo

Helena Arruda é mestra e doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, poeta, contista, ensaísta, pesquisadora e revisora; publicou, entre outros, *Interditos* (2014) e *Mulheres na ficção brasileira* (2016). *Corpos-sentidos* (2020), livro que ora se apresenta, dividido em quatro partes, reforça a teoria de que a poesia é um exercício de linguagem, e não necessariamente gênero literário/textual.

Sendo linguagem, dispõe-se a ser lido como literatura. As partes formam um todo de que se extrai forte relação espaço-temporal, a exemplo das narrativas. A poesia de Helena contempla inúmeras temáticas, dentre as quais se destacam o

* Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

corpo, a luta, a memória, o devir da humanidade. *Corpos-sentidos* ecoa esse sem-número de considerações.

A divisão em números romanos traz certa erudição às partes que compõem o todo: “I. Dos gritos que me ecoam”; “II. Das identidades que me habitam”; “III. Das mortes que me ressuscitam”; “IV. Dos corpos que me sentem”. Quatro cantos, quatro pontas; pontos cardeais de uma cartografia (confessional). Helena Arruda parece invocar Fernando Pessoa, que vaticina, por intermédio da poeta: “Sou minhas outras que em mim habitam” (p. 19).

O primeiro poema remete ao título da terceira parte, acrescido de “[digo num fôlego]” (p. 25), que a meu ver sugere uma tensão dramática de imediato. Iniciado por letras minúsculas, é introduzido pelo advérbio de negação apresentando o discurso. As anáforas, zeugmas e conjunções aditivas insistem na oralidade que ocupa o papel, compõe o grito. As ideias de ênfase, contiguidade e junção reforçam o fio condutor que espalha a tensão sugerida pela estrutura do itinerário.

O segundo poema traz o título do livro: “Mundo partido, corpos sentidos”; aqui sem o hífen, talvez pela própria partição. Sensações são polvilhadas página a página; o leitor segue as pistas, os indícios, os sinais. Percebe-se a presença de Drummond, do início ao fim. Pedra sobre pedra, seguindo o caminho das palavras. As iniciais minúsculas ainda se fazem presentes:

mas meus olhos griverdosos ainda nutrem grandes

[esperanças de dias melhores

(Arruda: 2020, 28)

O eu lírico traduz a ideia de esperança em dias melhores, embora o verso se inicie com a conjunção adversativa (que o contradiz) e o adjetivo que se segue demonstre o acinzentado dos olhos, deixando a dúvida dessa certeza (gris). Cinza é a cor que atravessa o discurso poemático: o Drummond do pós-guerra é recuperado e dialoga com outros corpos (sentidos). Os poemas, quase que em forma de mosaico, refletem as agruras da ditadura militar e o diálogo com o *gauche* se dá intertextualmente com a Segunda Grande Guerra, de 1939 a 1945, “e saímos drummondianamente de mãos dadas” (p. 29).

“Sangue” se decompõe em “eu tu ela nós elas”; “eu tu – ela – ele” – o que demonstra um eu lírico não afeito somente às questões de gênero, mas que também se debruça sobre as inúmeras maneiras de violência que atentam contra o ser humano. Ele – ela. A conjugação promove a ideia de envolvimento, de pluralidade, fazendo-se presentes a Rosa de Hiroshima e as “crianças cegas-surdas-mudas/ [paralíticas]” (p. 32).

A hifenização entrecorta a matéria bruta da qual se faz poema. E se repete em “homem-pedinte/mulher-protesto” (p. 41). Uma poesia que alcança níveis de intertextualidade costurados de maneira intratextual. Espécie de *Resistencialismo* (nem Sartre, nem Heidegger), um frio-gris: “hoje meu pensamento é menor que a janela do mundo” (p. 48).

A segunda parte, “Das identidades que me habitam”, traz os pedaços que compõem esses corpos-sentidos. E que são feitos de “ossos, suor e sal” (p. 57). Dos vinte e quatro poemas, dezoito são intitulados apenas por substantivos. Quando se chama atenção para os materiais de que se conforma esse “eu”, surgem em perspectiva os substantivos

colagem
 pastiche
 imaginação
 crendices
 ideologias
 bobagens

(“Pedaços”, 57-58)

Vai se desenhando a imagem de uma janela do tempo em que os substantivos fortes constituem esses corpos-sentidos, sejam eles concretos ou abstratos. A maneira como os poemas se relacionam, interagem, sugere uma relação de continuidade próxima às estruturas narrativas.

Em “Andanças” (p. 70), não se encontram as conjunções aditivas, os períodos são curtos e depreendem-se da leitura simulacros de fotogramas. A ideia de percurso surge em meio aos nomes de cidades, países, logradouros. Observa-se que no poema anterior há referências a muitas mulheres, e o seguinte, “Enquadrada”, encerra-se com “[verdades-mentiras]” (p. 72), resignificando o enquadramento de gênero. São muitos os quadros, janelas e gaiolas, molduras em que o discurso se encaixa: “ela-eu/ eu-nela” (p. 73). Desde o primeiro poema, a dor se faz presença, e o anúncio de uma morte, na forma de sombra ou desesperança, se faz contorno:

não quero morrer demais esses dias
 eu quero viver esses dias
 eu não quero morrer demais esses dias

porque já morri outros dias sem parar
eu morri
então eu não quero mais morrer tanto
só um pouco
("Das mortes que me ressuscitam [digo num fôlego]", 25)

O recorte intertextual vai se espalhando pela cultura ibérica que se coloca sub-repticiamente ao discurso do eu poético: "[pulso-sangue]/ [mundo-pulsa]" (p. 77). Em "Devaneios", outra vez, de maneira velada, a presença de Pessoa: "agora posso escrever todas as cartas de amor cafonas" (p. 78). Nos dicionários de sinônimos, dentre as mais de cinquenta acepções para a palavra "ridículo", encontra-se a de cafona, o que a torna um vocábulo equivalente.

O poema "Envelhecer" (pp. 94 a 96) volta com as conjunções aditivas, pressupondo uma ideia de agilidade, de se viver intensamente, ainda que, como dizia Torquato Neto, "todas as horas do fim". A ideia do vagar, do passo lento, o registro da areia que segue a lei da gravidade em sua ampolheta metafórica esgota as possibilidades. Palavras que atuam feito conta-gotas.

"Das mortes que me ressuscitam", parte III, apresenta um sujeito lírico questionador: "onde está a poesia?/ nas lágrimas ácidas que queimam minha língua/ que passa sobre seu dorso suado / [de sexo]" (p. 102). O sintagma "lágrimas ácidas" chama atenção por ser composto por duas proparoxítonas, incomuns no conjunto do livro, e que acentuam o significado poético dos "corpos-sentidos". Essa parte se encerra com a sequência: "Felicidade" – substantivo abstrato, como se não se pudesse senti-lo;

“Olhos” – substantivo concreto, mesmo se a visão for estreita, e “Deus”: abstrato para quem não sente a sua presença; concreto demais para quem a sente.

As dores de um mundo presentes nas cicatrizes dos corpos (vide parte IV) se estampam nesta imagem: “o solda-menina-dos-meus-olhos-d’água” (p. 106). O fio de Ariadne e a imagem da “janela do meu labirinto” (p. 105), unidos às “flores artificiais” (p. 108), parecem soar como elementos disfóricos no conjunto, vendo-se como ponto de partida e chegada a poética de Drummond, como em “Cota zero”:

A vida está presa:
28 de junho de 2017
a vida parou,
ou foi a internet?

(“Instantâneos”, 111)

Um passeio pelos arquivos do referido dia pode revelar o quadro que se anunciava dessa depreciação nacional, no qual “Felicidade”, segundo o eu lírico, “é o hífen do corre-corre” (p. 131). Tudo é minúsculo, tudo fragmento aos olhos de Deus: “descobri que a felicidade é deus” (p. 134). E “vem Fernando Pessoa a me dizer que sempre tudo vale/ [a pena,/ porque a alma está pulsando, apesar de não parecer”(p. 133).

Corpos-sentidos, envolvidos pela arte da capa de Deborah Dornellas, fixa uma nova página na poesia escrita por mulheres. É o registro do que veio para ficar. Tão certo quanto o sangue que reproduz as regras, mas que, vez por outra, se desalinham.

Helena se insere nesse vão, da folha de rosto ao colofão. Que depois de *Corpos-sentidos* surjam outros: “[espero então ela voltar]” (p. 135), até “porque a poeta nunca está só” (p. 152).

Recebido em 13 de setembro de 2021.

Aceito em 09 de fevereiro de 2022.